

## APRESENTAÇÃO

### DOSSIÊ “ESTÉTICAS DO FEIO”

É com grande prazer que publicamos, neste número da Revista **Olho d’água**, o dossiê intitulado «Estéticas do Feio». Ele é o primeiro produto das reflexões promovidas pelos pesquisadores do GREIMO (Grupo de Estudos Interdisciplinares sobre a Modernidade), cuja primeira reunião se deu nos dias 11, 12, 13 e 18 de novembro de 2015, no Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE) da UNESP, câmpus de São José do Rio Preto. Naquela ocasião, o grupo promoveu as Jornadas Internacionais de Estudos sobre as Estéticas do Feio, graças ao apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), que financiou o encontro.

O GREIMO se formou com o objetivo de investigar, numa perspectiva interdisciplinar, diversas questões relacionadas à “nebulosa” a que se convencionou chamar modernidade. O eixo temático escolhido para seu primeiro encontro – as estéticas do feio – relaciona-se a uma das oposições possíveis entre classicismo e modernidade, na medida em que, na passagem daquele a esta, parece verificar-se uma extensão do domínio da representação: na modernidade, a prática artística passa de fato a abarcar o feio como categoria produtiva, a ele atribuindo plenos direitos de cidadania, antes só outorgados ao belo. Se, para a tradição clássica, o feio estava associado ao mau, ao vício, à imperfeição, traços a serem evitados na reprodução mimética da natureza, bela, forçosamente, por ser obra divina, para os modernos ele se tornou digno de ser incorporado definitivamente, como categoria central, à arte (tanto nas artes visuais quanto na literatura). Os artigos aqui reunidos tratam dessa problemática, abordando-a, contudo, de diferentes ângulos, o que dá a este dossiê um interesse particular, como se verá pela variedade dos temas abordados nos ensaios, abaixo rapidamente resumidos.

Leila de Aguiar Costa abre o dossiê com um ensaio intitulado “Por uma poesia dos restos: o feio e o insignificante em Manoel de Barros”, em que analisa o trabalho do poeta matogrossense, mostrando como, em sua obra, o arruinamento do logos faculta a construção de uma poética que desinventa e desescreve os sentidos, valorizando o ínfimo, o inútil, desimportante e sem valor. Essa poética sem elevação inscreve-se numa espécie de estética do feio, resultante da convicção do poeta, para o qual “o que é bom para o lixo é bom para poesia”.

Pablo Simpson, em seguida, no ensaio “Marcas da violência: o crime e o feio na poesia abolicionista brasileira”, investiga algumas imagens do horror abordando poemas de Castro Alves e Fagundes Varela, preocupando-se, em especial, com a representação do sofrimento da escravidão a partir de certas dimensões do feio.

Lúcia Granja, depois dele, em “Machado de Assis, esse escritor monstruoso (entre aberrações e espetáculos)”, aborda a série de crônicas “Notas semanais”, publicadas pelo escritor em 1878, destacando, nelas, o trabalho com as inúmeras possibilidades do gênero

folhetim-variedades que, nessa série de textos, se marca pela experimentação literária articulada com a exploração de monstruosidades afeitas ao chamado mundo-cão.

Márcia Regina Rodrigues, logo a seguir, em “A desfiguração humana e a não identificação em Fim de Partida, de Beckett”, demonstra como a construção das personagens desta peça afeta sua dramaturgia, afirmando a inação beckettiana face a um mundo destruído que se inscreve, também, numa dimensão possível (e terrível) do feio.

Renata Soares Junqueira, por sua vez, em “A bela e o eunuco (a propósito de algumas dissonâncias na charmosa burguesia do cinema de Manoel de Oliveira)”, explora o efeito de choque produzido na obra do cineasta português por meio da irônica inserção de personagens deficientes (mutilados, coxos, etc.) no conjunto de personagens elegantes que, em seus filmes, representam a sofisticação burguesa.

Flávia Nascimento Falleiros, em “Exercício de reflexão sobre a categoria estética do Feio em sua oposição à do Belo (uma tentativa)”, ensaia uma reflexão sobre os contrastes entre o belo e o feio, fazendo para isso uma exposição sintética dos principais elementos de definição da beleza clássica, estabelecidos desde a antiguidade grega, validados durante o Renascimento e questionados mais claramente a partir do século XVIII; depois, ilustra a crescente ruptura com o padrão clássico de beleza analisando alguns trechos dos Ensaio sobre a pintura, de Diderot, e o poema *Vénus Anadyomène*, de Rimbaud.

Déborah Lévy-Bertherat, por fim, em “La Laideur comme déni d’humanité. Les Enfants Sauvages”, reflete sobre a rejeição do homo ferus (Lineu) às margens da humanidade, sobre sua assimilação aos grandes símios que, como eles, ocupam a fronteira entre as espécies, oferecendo o “quadro medonho de um homem-animal”. Sua reflexão se apoia no estudo de quatro casos célebres de crianças-selvagens, seres que fascinaram o Iluminismo, o período romântico e, mais tarde, alguns cineastas (Truffaut, Herzog).

Como se pode ver pela breve síntese acima, nos ensaios aqui dados a público confrontam-se reflexões sobre teatro, cinema, poesia, crítica de arte, estética, filosofia, antropologia, culturas francesa, portuguesa, brasileira. Nesse sentido, esses ensaios respondem à ambição do GREIMO, que, desde sua formação, foi a de problematizar as diversas facetas e temporalidades da modernidade (mais do que lhes dar definições), investigando, para isso, amplos domínios, numa perspectiva interdisciplinar e – lato sensu – comparatista.

Ao término desta apresentação, em nome dos colegas pesquisadores do GREIMO, gostaria de reiterar meus agradecimentos à FAPESP e agradecer também ao Programa de Pós-graduação em Letras e à Direção do Instituto de Biociências, Letras e Ciências da UNESP, câmpus de São José do Rio Preto, pelo apoio dado à iniciativa das Jornadas Internacionais de Estudos Estéticas do Feio, origem deste dossiê. Agradecimentos, também, aos colegas do grupo, por suas valiosas contribuições. Por último, e da maior importância, registro um agradecimento especial a Arnaldo Franco Jr., pelo empenho na publicação deste dossiê.

Flávia Nascimento Falleiros  
Pesquisadora coordenadora do GREIMO (CNPq/UNESP)